

Divulgação Científica e Imprensa Popular. São Paulo nos Anos 50¹

Mariza ROMERO²

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP – Faculdade de Ciências Sociais
– Departamento de História

RESUMO

Investigamos a divulgação da ciência pela imprensa popular de São Paulo, através do jornal *Diário da Noite* durante a década de 50. Analisaremos os significados da difusão dos progressos da ciência acompanhados pela crença presente desde o final do século XIX, de que os mesmos retirariam o Brasil do atraso e da ignorância, conduzindo-o à modernização econômica, social e cultural; e a dinâmica da ciência como prática social, historicamente construída, com interesses diversos, conflitos, negociações e, sobretudo, comprometida com o imaginário de uma época que a imprensa popular contribuiu para construir. Como diversos estudos afirmam, entre ciência, imaginário e cultura, as relações e os compromissos são intensos.

PALAVRAS-CHAVE: Imprensa; Divulgação Científica; São Paulo; Imaginário; Cultura Popular.

CORPO DO TRABALHO

Este trabalho pretende investigar a divulgação da ciência pela imprensa popular de São Paulo durante a década de 1950. Trata-se para nós de analisar os significados sociais da intensa difusão dos progressos da ciência acompanhados pela crença presente desde o final do século XIX, de que somente esses avanços retirariam o Brasil do atraso e da ignorância, conduzindo-o na trilha da modernização econômica, social e cultural. Para tanto, partimos do pressuposto de que, em primeiro lugar, houve uma ampla difusão dos progressos científicos nos anos 1950, nos meios de comunicação de massa, principalmente na grande imprensa, que nesses anos, adquiriu definitivamente um modelo empresarial. Momento esse também de surgimento nas grandes metrópoles como São Paulo e Rio de Janeiro, de vários jornais populares, de cunho sensacionalista e de grande circulação, que mantiveram em pauta nesses anos a difusão das soluções e descobertas científicas, atribuindo uma positividade inusitada à autoridade da ciência. Ciência como lugar de produção da verdade, mas também como espaço e exercício de poder sobre crenças, tradições e valores característicos da sociedade brasileira.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade, do XXXVIII Congresso de Ciências da Comunicação.

² Professora Doutora do Departamento de História e Diretora da Faculdade de Ciências Sociais - PUC-SP.

Em segundo lugar, consideramos que, desde aquela época, a crescente difusão da autoridade científica contribuiu para a criação de um novo imaginário sobre o progresso, a ignorância e o atraso, assim como fomentou o medo ou o entusiasmo diante do futuro. Nesse sentido, as biografias laudatórias dos “gênios,” dos “grandes homens” da ciência, assim como as narrativas de descobertas e as invenções anunciadas como verdades determinantes para o progresso contínuo da sociedade, merecem ser analisadas de maneira crítica e, segundo seu desenrolar cultural e histórico, pois como já afirmava Fleck, em 1935, a ciência moderna, sua produção e a validação dos seus conhecimentos devem ser vistos como fruto de um trabalho coletivo e como fenômeno social e cultural.³

Perceber as formas diversas de expressão da autoridade da ciência nesse espaço é uma preocupação constante, que atravessa nossa proposta de pesquisa. Ora, é justamente a partir da década de 1950 que a ciência foi não somente afirmada no interior das ciências humanas e no meio universitário, mas também questionada, forçada a modificar seus argumentos e justificativas. A autoridade científica passou a ocupar o centro de numerosos debates sobre sua capacidade de responder aos desafios do mundo contemporâneo, especialmente no que se refere à educação, à saúde individual e à felicidade coletiva. Também é a partir de 1950 que os meios de comunicação de massa difundiram de maneira ampla e constante uma positividade extraordinária aos “feitos científicos” e, simultaneamente, interpretaram uma série de problemas cotidianos, segundo os critérios e soluções oriundos da ciência.

Desse modo, pretendemos analisar a dinâmica da ciência como prática social historicamente construída, permeada por interesses diversos, tensões, conflitos, negociações e, sobretudo, comprometida com o imaginário de uma época. Conforme diversos estudos já afirmaram e segundo os parâmetros da nova história das ciências, não é contraditório relacionar os enunciados científicos com as condições históricas de sua possibilidade, sejam elas políticas, retóricas ou psicológicas.⁴ Assim, entendemos que, entre ciência, imaginário e cultura, as relações e os compromissos são intensos e íntimos.

O prestígio e a legitimidade do discurso científico possuem uma história repleta de defesas e questionamentos contundentes acerca de sua veracidade e funcionalidade. No entanto, ao longo da segunda metade do século XX, a divulgação dos prodígios, das

³ FLECK, L. *Genèse et Développement d'un Fait Scientifique*. Paris: Flammarion, 2008, p. xxv.

⁴ CHARTIER, R. *A história ou a Leitura do Tempo*. Belo Horizonte: Autentica, 2009, p. 20. Sobre a nova história das ciências, ver por exemplo: Simon Shaffer; Steven Shapin, Mario Biagioli, Lorraine Daston.

descobertas e dos estudos científicos conquistou um espaço inédito nos meios de comunicação de massa.

Espaço sempre polêmico de interlocução, a construção de fatos científicos inclui controvérsias e interesses nem sempre harmoniosos entre si.⁵ Mas a difusão e a popularização da ciência, especialmente a partir da década de 1950, além de expressarem os interesses políticos, econômicos e sociais que a constituíram, também possuem um forte poder indicativo sobre as características daquela época: trata-se de um período histórico que favorece a crescente valorização das soluções científicas tanto na vida cotidiana quanto naquela das grandes decisões políticas e culturais. Inúmeras razões de ordem geral explicam essa valorização.

Com o advento da Guerra Fria, por exemplo, o desenvolvimento científico tendeu a se afirmar como sendo uma solução essencial para viabilizar o bem-estar social do Ocidente, em contraposição às sociedades sob a égide da União Soviética. Além disso, é a partir da década de 1950 que uma série de descobertas e inventos da ciência foram amplamente difundidos pelos meios de comunicação de massa e, ao mesmo tempo, integrados no cotidiano de milhares de famílias em forma de “soluções para o progresso” individual e coletivo, ou em nome da saúde e da cultura dos povos.

Nos jornais populares brasileiros, por exemplo, a autoridade da ciência alcançou seus dias de glória graças à propaganda colorida e ilustrada das maravilhas científicas e tecnológicas; ou ainda, a partir de reportagens que elogiavam os inventos daquela época, mas que também abriam um novo horizonte de graves inquietações relacionadas à saúde, à vida extraterrestre, ao risco de um mundo devastado por uma guerra nuclear.⁶ É também a partir da década de 1950 que, no Brasil, diferentes entidades destinadas a apoiar as pesquisas científicas foram fundadas, possibilitando o financiamento de recursos para a pesquisa em ciência e tecnologia.⁷

⁵ A este respeito, a bibliografia é vasta. Ver, por exemplo: LATOUR, B. **Ciência em Ação**. São Paulo: UNESP, 2000; ROSSI, P. **A Ciência e a Filosofia dos Modernos**. São Paulo: Editora UNESP, 1992, p. 53. Ver também HOBBSAWN, E. Feiticeiros e Aprendizes, In: **A Era dos Extremos: O breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

⁶ Segundo Hobsbawn, a ideia de que ciência é igual à catástrofe potencial pertenceu essencialmente à segunda metade do século XX. HOBBSAWN, op. Cit, p. 513.

⁷ 1951: Criação do conselho Nacional de Pesquisa – CNPQ; 1952: criação do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia- INPA; 1953: fundação do Comando-Geral de Tecnologia Aeroespacial- CTA; 1956: criação da Comissão Nacional de Energia Nuclear-CNEN; 1961: criação do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais- INPE; 1962: Criação da fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo- FAPESP. Sobre a história da ciência e da tecnologia no Brasil ver, por exemplo, MOTOYAMA, S. **Prelúdio para uma História**. Ciência e tecnologia no Brasil. São Paulo: Edusp, 2004; FERRI, M. G.; MOTOYAMA, S. (coords). **História das ciências no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1981.

Em âmbito internacional, a década de 1950 marca igualmente um forte interesse em fomentar a pesquisa científica e questionar sua distancia em relação a outras formas de conhecimento. Clássico é, nesse sentido, o texto de Charles Percy Snow, de 1959, fruto de uma conferência ministrada na Universidade de Cambridge e intitulada *As Duas Culturas*. Desde então, afirma-se no cenário internacional a necessidade de encontrar alguma convergência entre o conhecimento científico e aquele que não se apresenta como tal, ou ainda, de reduzir a distância entre cientistas e literatos.

Mais tarde, enquanto os estudos de Edgard Morin mostravam o quanto a cultura dos meios de comunicação de massa mereciam uma atenção tão rigorosa e relevante quanto aquela existente em torno da ciência, outros defendiam uma espécie de fusão entre as diversas culturas, a legitimidade de uma terceira cultura ou ainda a transformação das ciências sociais numa “ponte” capaz de aproximar as formas de conhecimento existentes.⁸ Por conseguinte, é possível afirmar que, desde a década de 1950, a distancia entre o conhecimento científico e as demais formas de conhecimento tornou-se não apenas um problema relevante para um amplo leque de pesquisadores mas também um tema central dentro das ciências humanas. O caráter plural e histórico daquele conhecimento tornou-se cada vez mais evidente, o que contribuiu para que a ciência fosse considerada uma narrativa implicada nas práticas sociais, nas especificidades e no desenvolvimento de cada cultura.⁹

Ora, o impacto da ciência no cotidiano, assim como as relações entre o letramento científico e a cultura popular, encontram nos meios de comunicação de massa e especialmente nos jornais populares um campo privilegiado de expressão.¹⁰ Trata-se de textos que, frequentemente, mesclam referências consideradas científicas com aquelas julgadas não científicas, apresentando-se com grandes manchetes em negrito características

⁸ MORIN, E. **Espírito do Tempo**. Rio: Forense, 1975; LEPENIES, W. **As Três Culturas**. São Paulo: EDUSP, 1996; BROCKMAN J. **The Third Culture**; Beyond the scientific revolution. London: Simon & Shuster, 1995.

⁹ Inúmeros estudos inspirados em Thomas Kuhn contribuíram para o desenvolvimento de uma perspectiva atenta ao sentido simbólico e institucional das estruturas científicas. Ver, também, VOGT, C. **A Espiral da Cultura Científica**. São Paulo: SBPC/Labjor Brasil, 2003; HOBSBAWN, E. Feiticeiros e Aprendizes, In: **A Era dos Extremos: O breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

¹⁰ Na década de 1950, a imprensa, acompanhando as transformações do país, já assumiu plenamente estratégias empresariais mediante a racionalização do trabalho, das técnicas de impressão, do uso de imagens em cores e da diagramação planejada. A essas inovações técnicas aliam-se as renovações editoriais e linguísticas que, juntamente com a noção de objetividade, indispensável nesses anos a qualquer discurso com pretensão a seriedade, constrói a autonomia do jornalismo como espaço de edificação da verdade e do jornalista como seu produtor reconhecido. Esses anos são de apogeu do império de comunicação de Chateaubriand, proporcionalmente comparável às Organizações Globo hoje. Cf. ROMERO, M., 2011, p. 32. Segundo Nelson Werneck Sodré, com o pós-guerra, profundas alterações se anunciam na vida brasileira, tais alterações no que se refere à imprensa, acentuam rapidamente o acabamento de sua fase industrial, relegando ao esquecimento a fase artesanal: um periódico será, daí por diante, empresa nitidamente estruturada em modos capitalistas. Cf. SODRÉ, N. W., 1983, p. 355.

dos jornais sensacionalistas, como o *Diário da Noite* de São Paulo, que provocam surpresa, curiosidade, emoção.

O vespertino, financiado por empresários, industriais e fazendeiros paulistas, foi adquirido por Assis Chateaubriand em 1925. Com feições populares desde o início, definiu-se nos anos 50 como um jornal “voltado para as massas.” Contava com equipamentos de ponta, com profissionais experientes e articulistas internacionais. Produzia reportagens de impacto que abordavam tanto os problemas cotidianos da população quanto os acontecimentos extraordinários; publicava notícias em primeira mão, colocava anúncios; realizava campanhas e concursos; continha um caderno de esportes e enfatizava o meio artístico. Apresentava-se com manchetes em caixa alta, chocantes, com informações de interesse “humano”, detalhadas, de fácil compreensão; utilizava uma abordagem afetiva e recursos melodramáticos, destacando também as páginas policiais e os escândalos.¹¹ O *Diário da Noite* obteve, assim, um grande sucesso, investindo na criação de um vínculo com as camadas populares que, nesses anos, emergiram na cena política brasileira. Nos anos 1950, atingindo um universo de leitores amplo e diversificado, com uma tiragem média de 70 mil exemplares, 36 páginas e duas edições, será um dos jornais de maior circulação em São Paulo,¹² e um dos mais importantes do poderoso *Império Associado*. Exercerá papel estratégico na difusão de informação, na formação de opinião, na criação de consenso, produzindo imagens que fazem parte do nosso cotidiano, sinalizando os primórdios de um desempenho que é o da mídia hoje: instituir uma imagem do real para o consumo diário, contribuindo para modelar opiniões, comportamentos, identidades, lazer.

A pesquisa resultou em aproximadamente três mil imagens, entre reportagens sobre “descobertas” científicas consideradas extraordinárias, propagandas, vida extraterrestre e equipamentos “milagrosos”. São matérias que atribuem um poder salvacionista à ciência e ao progresso técnico, tais como: “O êxito da vacina sueca contra pólio”; “O uso da vitamina B do Complexo B Contra a Tuberculose”; “Prolongamento da Juventude por Tempo Quase Indefinido”; “Máquina que Facilita o Diagnóstico do Câncer”; “Pode o Butantã Fabricar a Maravilhosa Vacina”; “O êxito da Vacina Sueca Tricomocina é fruto de incansável

¹¹ O folhetim vai ser substituído pelo colunismo e, pouco a pouco, pela reportagem; a tendência para a entrevista vai substituindo o simples artigo; a tendência para o predomínio da informação sobre a doutrinação; o aparecimento de temas antes tratados como secundários avultando agora como e ocupando espaço cada vez maior, os policiais com destaque, mas também os esportivos e até os mundanos. Cf. SODRÉ, N. W., 1984, p. 296. Sobre a modernização e adoção do American Way of life no Brasil, ver entre outros: MELLO, J. C. de, NOVAIS, F. Capitalismo tardio e sociabilidade moderna, In: SCHWARCZ, L. M. (org): **História da Vida Privada no Brasil**, 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. P. 557; TOTA, A. P. **O Imperialismo Sedutor**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

¹² Ver: WAINBERG, J. A. **Império das Palavras**. Porto Alegre: EDIPUC-RS, 1977; MORAES, F. **Chatô: O rei do Brasil**. A vida de Assis Chateaubriand. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

pesquisa”, testes e experimentos”; “Bomba de Cobalto para o Hospital das Clínicas”; “A Ciência não Falha. Detefon é o Mais Poderoso”; “Um Milagre da Ciência Moderna: Tinta Parquer”; “Criado na USP o Instituto de Energia Atômica”; “Arte e Ciência: Aparelhos Philco”; “Em São Paulo um Centro de Estudos sobre Discos Voadores”; “Preparado o Sputnik para ser Lançado no Espaço”; “Avistados Discos Voadores na Capital”. Entretanto, em suas páginas, o jornal também alerta para os perigos do avanço científico, como por exemplo: “Bomba Atômica: Causa do Terremoto que Matou 5 mil Pessoas”, “Periculosidade da Ingestão de Carne Tratada com Hormônios”; “Câncer pode ser Provocado pelas Radiações Solares”; “Cock-tail de Gases Tóxicos é o que se Respira nas Grandes Cidades”; “A Bomba de Hidrogênio Impossibilitará a Vida na Terra”; “Mesmo Brilhando, o Alumínio é Veneno”; “Aparelho de Raio X não oferece proteção: Causa de inúmeras doenças como a leucemia e anemia.” Além das notícias, reportagens e propagandas, o jornal mantinha também as colunas: “Ciência Popular” e Enciclopédia Curiosa”.

No que se refere à cidade de São Paulo, nos anos de 1950, ela já se apresentava como o centro de consolidação da sociedade urbano-industrial; como o espaço de surgimento de uma sociedade de massa, de concentração das forças que impulsionavam a modernidade brasileira e como espaço de emergência das camadas populares como protagonistas da prática política.

Nesses anos, o complexo industrial paulistano orientou-se na direção da montagem de um parque de indústrias de base para fornecer os bens necessários à sua expansão, tais como energia, siderurgia, mecânica e equipamentos eletroeletrônicos. O estado detém cerca de 40% do pessoal ocupado na indústria do país, sendo responsável por metade da transformação industrial nacional, a maior parte da qual gerada na sua região metropolitana. Em 1950, a cidade possuía 24.519 estabelecimentos industriais, com uma população de 484.844 operários. Em 1960, passa a ter 56.383 estabelecimentos, com 969.112 trabalhadores. Em 1954, tornou-se a maior cidade brasileira, com uma população de 2.817.600 pessoas, composta por grande número de imigrantes e seus descendentes, por imigrantes recém-chegados, e por um forte contingente de migrantes que vinha se avolumando desde os anos 30.¹³ Do ponto de vista cultural, a cidade também adquire os contornos definitivos de metrópole, com universidades, um número significativo de estabelecimentos de ensino, cinemas, teatros, livrarias, museus, galerias, confirmando a

¹³ VIEIRA, E. **Estado e Miséria Social no Brasil**: De Getúlio a Geisel. São Paulo: Cortez 1987, p. 26.

cultura ilustrada da burguesia paulista. Por meio do desenvolvimento industrial, do impulso do capital estrangeiro, da modernização da vida cotidiana, buscando o que vem de fora, a elite paulista esperava atingir o ideal de pertencer ao mundo, com uma perspectiva de progresso da cidade, pretendendo a cada dia fazer tábula rasa do passado, criando os símbolos ufanistas da cidade: “São Paulo que não pode parar”; a “Cidade que mais cresce no mundo”; a “Locomotiva do Brasil”. Segundo o próprio Chateaubriand, não era possível nesses anos pensar a unidade nacional sem incluir “*nossa presença no centro mais poderoso da nação*”.¹⁴ São Paulo tornou-se então um laboratório político, transformou-se num centro de referência sobre os rumos do país e o *Diário da Noite*, expressando as transformações em curso no Brasil, na década de 50, mesclou discurso científico com os recursos do jornalismo sensacionalista, incluindo a ciência na linguagem cotidiana dos brasileiros, contribuindo para estabelecer os nexos entre as representações da ciência por ele produzidas e o estabelecimento de uma cultura científica para as classes populares.

Dessa forma, a difusão das descobertas da ciência pela imprensa popular fomentou uma progressiva banalização do discurso científico, demonstrando também como a ciência se produz e se difunde através do jornal enquanto narrativa de referência, ao mesmo tempo em que é questionada, modificada e principalmente imaginada pela cultura popular. A divulgação científica feita pela imprensa popular participa da produção, da regulação e da apropriação do saber científico e enfatizando a produção científica paulista, o jornal contribuiu também para a construção da “paulistanidade”, da ideia de que São Paulo continua sendo a locomotiva do país, não só econômica mas cultural e cientificamente.

¹⁴ MORAES, F. **Chatô**: O rei do Brasil. A vida de Assis Chateaubriand. São Paulo: Companhia das Letras, 1994, p. 20.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALFONSO-GOLDFARB, A. M.; BELTAM ROXO, M. H. **Escrevendo a História da Ciência: Tendências e propostas historiográficas**. São Paulo: Livraria da Física, 2005.
- ANDRADE, A. M. R. de. **Físicos, Mésons e Política: A dinâmica da ciência na sociedade**. Rio de Janeiro: Hucitec, 1999.
- ABRANTES, P. **Imagens da Natureza, Imagens de Ciência**. Campinas: Papyrus, 1998.
- AMARAL, M. F. **Jornalismo Popular**. São Paulo: Contexto, 2006.
- ARRUDA, M. A. do N. **Metrópole e Cultura: São Paulo no meio do século XX**. Bauru: Edusc, 2011.
- BACZKO, B. A Imaginação Social, In: **Enciclopedia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1985.
- BARBOSA, M. **História Cultural da Imprensa**. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.
- BAUER, M. W. et al. **Science and Technology in the British Press, 1946-1990**. London: The Science Museum, 1999.
- BENSAUDE-VINCENT, B.; RASMUSSEN, A. (dir.) **La Science Populaire dans la Presse et l'édition: XIX et XX siècles**. Paris: CNRS, 1998.
- BERTHELOT, J. M. **L'emprise du vrai: Connaissance scientifique et modernité**. Paris: PUF, 2008.
- BOTELHO, A. et al. **O Moderno em Questão: A década de 50 no Brasil**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2008.
- BROCKMAN J. **The Third Culture; Beyond the scientific revolution**. London: Simon & Shuster, 1995.
- CHARTIER, R.; FAULHABER, P.; LOPES, J. S. **Autoria e Cultura da Ciência**. Rio de Janeiro: Azougue, 2012.
- Chartier, R. **A História ou a Leitura do Tempo**. Belo Horizonte: Autentica, 2009.
- CARDOSO, C. F.; MALERBA, J. (Orgs). **Representações: Contribuição a um debate transdisciplinar**. Campinas: Papyrus, 2000.
- CARDOSO, J. L. R. **A Ciência em Órbita: Guerra fria, corrida espacial e divulgação da ciência na imprensa carioca. 1957-1961**. Dissertação de Mestrado. Niterói: UFF, 2003.
- CASTORIADIS, C. **A Instituição Imaginária da Sociedade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- DELPORTE, C. et al. **Presse à scandale. Scandale de presse**. Paris: Harmattan, 2001.
- _____. **Histoire de médias en France: De la grande guerre à nos jours**. Paris: Flammarion, Champs-Histoire, 2010.

_____. **Interdits, Tabous Transgressions, Censure.** Le Temps des Médias, n°1, 2003.

_____. **Où en est l'histoire des médias.** Le Débat, n°139, 2006.

DURAND, G. **O imaginário.** São Paulo: Difel, 2001.

FAYARD, P. **La Communication Scientifique Publique - De la vulgarization à la médiatisation.** Lyon: Chronique Sociale, 1988.

FERNANDES, A. M. **A Construção da Ciência no Brasil.** Brasília: Ed. Universidade de Brasília. Anpocs, CNPQ, 1990.

FERRI, M. G.; MOTOYAMA, S. (Coords). **História das Ciências no Brasil.** São Paulo: EDUSP, 1981.

FIGUEIRÔA, S. F. de M. (Org). **Um Olhar Sobre o Passado:** História das ciências na América Latina. Campinas: Ed. Unicamp, 2000.

_____. **Instituições Científicas e Formas de Institucionalização do Saber:** Uma contribuição a partir da ótica da história das ciências. Rio de Janeiro: Terra Brasilis, n° 2, 2000.

FIGUEIRÔA, S. F. de M.; LOPES, M. M. A Difusão da Ciência e da Tecnologia Através da Imprensa e dos Periódicos Especializados. São Paulo: 1890-1930, In: **Anais do VI Seminário de História da Ciência e da Tecnologia.** Rio de Janeiro: SBHC, 1997.

FOUCAULT, M. **A Microfísica do Poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FRIEDMAN, M. **Capitalismo e Liberdade.** S/I: Artenova, 1977.

GOLDENSTEIN, G. **Do Jornalismo Científico à Indústria Cultural.** São Paulo: Summus, 1987.

GONZALES, M. I. **A Divulgação Científica:** Uma visão de seu público leitor. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: IBICT-ECO/UFRJ, 1992.

GOULD, S. J. **Léventail du Vivant.** Le mythe du progress. Paris: Seuil, 1997.

HABERMAS, J. **Técnica e Ciência como Ideologia.** Lisboa: ed. 70, 2007.

HOLTON, G. **La Imaginación Científica.** México: Fundo de Cultura Economica, 1985.

HOBSBAWN, E. **A Era dos Extremos:** O breve século XX: 1914-1991. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

JACOBI, D.; SCHIELE, B. (Orgs.). **Vulgariser la Science - Le procès de l'ignorance.** Seyssel: Editions Champ Vallon, 1988.

LAUDAN, L. **Progress and Its Problems:** Toward a theory of scientific growth. Berkeley: University of California Press, 1977.

LATOURE, B. **Ciência em Ação**: Como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo. Ed. Unesp, 2011.

LATOURE, B.; WOOLGAR, S. **A Vida de Laboratório**. A produção dos fatos científicos. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2004.

LEGENBRE, P. **L'empire de la Vérité**. Paris: Fayard, 1983.

LEPENIES, W. **As Três Culturas**. São Paulo: EDUSP, 1996.

LURÇAT, F. **L'autorité de la Science**. Paris: Cerf, 1995.

MARTINS, A. L.; LUCA, T. R. de. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

MASSARINI, L. et al (Orgs). **Ciência e Público**: Caminhos da divulgação no Brasil. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

MASSARINI, L.; MOREIRA, I. **A Divulgação Científica no Brasil e suas Origens Históricas**. Tempo Brasileiro. Vol.188, 2012.

MASSARINI, L. **A Divulgação Científica no Rio de Janeiro**. Algumas reflexões sobre a década de 20. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: IBTCT, 1998.

MASSARINI, L.; JURBERG, C.; MEIS, L. de. **Um Gesto Ameno para Acordar o País**: A ciência no Jornal do Comércio. 1958-1962. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011.

MOIRAND, S. **Les discours de la presse quotidienne**: Observer, analyser, comprendre. Paris: PUF, 2007.

MORAES, F. **Chatô**. O rei do Brasil. A vida de Assis Chateaubriand. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MOREIRA, I. C. de; VIDEIRA, A. P. (Orgs). **Einstein no Brasil**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.

MORIN, E. **Espírito do Tempo**. Rio: Forense, 1975.

Motoyama, S. **Prelúdio para uma História**. Ciência e tecnologia no Brasil. São Paulo: Edusp, 2004.

PEDROSO, R. M. **A Construção de um Discurso de Sedução em um Jornal Sensacionalista**. São Paulo: Annablume, 2001.

PESTRE, D. **Science, Argent et Politique**. Un essai d'interprétation. Paris: Inra, 2001.

_____. **Les Sciences Pour la Guerre. 1940-1960**. Paris: Éditions de EHESS, 2004.

_____. **Introduction aux Sciences Studies**. Paris: La Découverte, 2006.

_____. **À Contre-Science**. Politiques et saviors des sociétés contemporaines. Paris: Seuil, 2013.

RAICHVARG, D.; JACQUES, J. **Savants et Ignorants** - Une histoire de la vulgarization des sciences. Paris: Éditions du Seil, 1991.

RIBEIRO, A. P. G. **Imprensa e História no Rio de Janeiro dos Anos 50**. Rio de Janeiro: E-Papers, 2007.

ROMERO, M. **Inúteis e Perigosos no Diário da Noite**. São Paulo (1950-1960). São Paulo Educ/Fapesp, 2011.

ROUQUETTE, S. (Coord). **Sciences et Medias**. Paris: CNRS Éditions, 2011.

ROSSI, P. **A Ciência e a Filosofia dos Modernos**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

SERRES, M. H. **Uma Filosofia da Ciência**. Rio de Janeiro: Graal, 2002.

SHAPIN, S.; SHAFFER, S. **Leviathan and the Air-pump: Hobbes**. Boyle and the experimental life. Princeton: University Press, 1985.

SINGER, B. Modernidade, Hiperestímulo e o Início do Sensacionalismo Popular, In: CHARNEY, L. e SCHWARTZ, V. (Orgs.) **O Cinema e a Invenção da Vida Moderna**. São Paulo: Cosac & Naif, 2001.

SKIDMORE, T. **Brasil: De Getúlio Vargas a Castelo Branco**. 1930-1964. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1976.

SODRÉ, N. W. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

SUNKEL, G. **La Prensa Sensacionalista y los Sectores Populares**. Bogotá: Ed. Norma, 2001.

SCHWARCS, L. (Org). **História da Vida Privada no Brasil: Contrastes da intimidade contemporânea**. V. 4. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TOTA, A. P. **O Imperialismo sedutor**. São Paulo; Companhia das Letras, 2000.

VIEIRA, E. **Estado e Miséria Social no Brasil: De Getúlio a Geisel**. São Paulo: Cortez, 1987.

VOGT, C. **A Espiral da Cultura Científica**. São Paulo: SBPC/Labjor Brasil, 2003.

WAINBERG, J. A. **Império das Palavras**. Porto Alegre: EDIPUC-RS, 1977.